

(Províncias do Sul), Trad. brasileira de Moacir N. Vasconcelos, "Biblioteca Histórica Brasileira", SP, Livr. Martins, Ed. da USP, 1972, pág. 218/219.

(9) D'Alincourt, Luiz, op. cit., pág. 50.

(10) A "Província de São Paulo", 22/7/1877.

(11) A "Província de São Paulo", 10/1/1882.

(12) Von Tschudi, J. J., Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, trad. brasileira de Eduardo de Lima Castro, "Biblioteca Histórica Paulista", V. Livr. Martins, SP, 1953, pág. 155.

(13) Von Tschudi, J. J., op. cit., pág. 168.

*

5. O "CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES" E SUA REVISTA*

No princípio deste século, um grupo de intelectuais de Campinas temou a deliberação de fundar na cidade uma entidade destinada ao cultivo das ciências, das letras e das artes. Aliás, a idéia primitiva referia-se apenas a um centro de ciências naturais, estimulado pela existência do Instituto Agrônômico, fundado ainda ao tempo do Império e que já constituía, na época, instituição de renome nacional e talvez mesmo internacional. Todavia, à idéia aderiram diversos outros intelectuais, especialmente os ligados ao tradicional **Ginásio do Estado**, além de figuras expressivas nas mais diversas áreas do saber. Foi de Coelho Neto, que então residia em Campinas, a idéia de ampliar as finalidades do planejado centro, abrangendo, também, as letras e as artes, donde o nome que a entidade recebeu e que até hoje conserva de **Centro de Ciências, Letras e Artes**, cuja sessão de instalação teve lugar a 31 de outubro de 1901.

Parece-nos interessante constatar a enorme repercussão que o **Centro** alcançou não apenas no país, mas igualmente no exterior. A primeira lista de sócios, divulgada dois anos apenas após sua fundação, revelava, além de mais de duzentos sócios **efetivos**, isto é residentes na cidade, uma quantidade considerável de sócios **correspondentes**, não só de quase todas as unidades da Federação, como de treze países, num total de

(*) Resultou este capítulo da fusão de dois textos: o artigo **O espelho de uma Instituição**, publicado na "Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes", número especial comemorativo do 75º aniversário da instituição (1976), pp. 20 a 34; e a comunicação, elaborada de parceria com Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci — **Temas de História e sugestões para pesquisa numa publicação cultural campineira**, apresentada à Segunda Semana da História, Franca (1980) e publicada na respectiva "Memória", pp. 359 a 369.

quase duzentas pessoas, representando, tanto uns como outros o que havia de mais expressivo nas ciências, nas letras, nas artes, na política, na magistratura, no magistério. Difícil encontrar um nome significativo da época que não fizesse parte de seu quadro social.

A impressão que se tem, lendo os primeiros relatórios e notícias do **Centro**, é que seus próprios fundadores não esperavam a extraordinária repercussão que a entidade vinha alcançando. Mostraram-se surpresos em mais de uma ocasião, especialmente quando consideravam que o **Centro** havia surgido não numa capital, como de regra acontecia com as instituições culturais do país, mas numa cidade que, embora o seu grande desenvolvimento e sua importância como centro de comunicações, e apesar de suas inúmeras participações na vida nacional, não deixava de ser uma cidade de interior e que, para cúmulo, dez anos antes havia sofrido terríveis surtos de febre amarela que quase a arrasaram. Um importante colégio de Campinas chegou a ser transferido para uma cidade do sul de Minas e provavelmente o espantinho da febre há de ter afastado da terra campineira muita gente que, receosa da reincidência da epidemia, não se dispuseram a esperar pelas obras de saneamento que, em breve — e para sempre — livrariam a cidade do terrível mal, responsável, também, pelo aniquilamento de outras cidades, a começar pela então capital da República.

Assim, a existência em Campinas de algumas instituições culturais de alto nível, como o já citado Instituto Agrônomo, o Ginásio do Estado, no qual lecionavam grandes nomes da cultura nacional (Coelho Neto, Erasmo Braga, Basílio de Magalhães, César Bierrenbach, Alberto Faria, Raul Soares, Américo de Moura, Otoniel Mota, entre outros), e diversas outras entidades leigas e religiosas, justificou, como se viu, a criação do **Centro** e todas essas entidades forneceram os elementos constitutivos do quadro inicial da associação. Todos os elementos vinculados às inúmeras instituições campineiras, na mais variada gama de interesses culturais, como que se sentiam ávidos por um centro que os aglutinasse, que lhes propiciasse a apresentação de trabalhos, a discussão de problemas, o debate franco e aberto a todas as preocupações culturais, enfim, para que suas atividades não se limitassem aos trabalhos profissionais. Eis por que seus quase duzentos e cinquenta sócios “efetivos” de dois anos após a fundação, revelavam técnicos do Instituto Agrônomo, professores do Ginásio do Estado e de outros colégios, engenheiros das ferrovias, professores do Seminário Presbiteriano, pastores evangélicos (é estranha a pequena participação de sacerdotes católicos, numa cidade onde a Igreja foi sempre tão importante...), médicos, juristas, homens da política, profissionais liberais diversos etc...

A qualidade de sócio do **Centro de Ciências, Letras e Artes** era credencial valiosa, tanto quanto se ele fosse uma Academia de Letras. Era

comum encontrar-se essa indicação abaixo do nome do autor, em grandes obras da cultura nacional. Eis por que “imortais” da Academia Brasileira de Letras, como Machado de Assis, Afonso Arinos, Olavo Bilac, Sílvio Romero, Filinto de Almeida, o Conde de Afonso Celso, José Veríssimo, Valentim de Magalhães, Euclides da Cunha, João Ribeiro, Vicente de Carvalho, Rui Barbosa; professores da Faculdade de Direito de São Paulo, como Brasília Machado, Frederico Abranches, João Monteiro, João Mendes Júnior, Alcântara Machado, Pedro Lessa, Herculano de Freitas; professores da Escola Politécnica, como Ramos de Azevedo, Garcia Redondo e Afonso de Taunay (o futuro historiador); grandes nomes da ciência, como Alberto Loefgren, Teodoro Sampaio, Orville Derby, Luiz Pereira Barreto, Ricardo Krone, Hermann von Ihering, Nina Rodrigues, Emílio Goeldi, Barbosa Rodrigues; jornalistas, como Estevão Leão Bourroul, Júlio Mesquita, José Maria Lisboa Júnior, Leopoldo de Freitas, Edmundo Bittencourt, José do Patrocínio; historiadores, como Capistrano de Abreu, Alfredo de Carvalho, Antônio de Toledo Pisa, Brás do Amaral, Barão Homem de Melo, Barão de Studart; eclesiásticos, como o Padre, depois Monsenhor Martins Ladeira, Francisco de Paula Rodrigues (o famoso “Padre Chico”, de São Paulo), Rafael Galanti, D. João Nery, então bispo de Pouso Alegre; escritores diversos, como Artur Goulart, Carlos Ferreira, Artur Azevedo, Júlia Lopes de Almeida, César Zama; figuras de projeção nas artes, como Benedito Calixto, Aurélio de Figueiredo, Alberto Nepomuceno, e por aí afora, que cansativo seria enumerar a todos quantos, de fora de Campinas, interessaram-se em ter seus nomes inscritos no quadro social, na categoria de “correspondentes”, da então jovem instituição campineira. E com o tempo, muitos outros viriam. Ora, é óbvio que tão expressivos nomes da cultura nacional, como os que mencionamos, e mais outros de países estrangeiros, não se teriam interessado em participar de um modesto centro de estudos surgido numa cidade que nem ao menos era capital, se não sentissem os firmes propósitos que animaram seus fundadores. A projeção nacional e mesmo internacional do **Centro de Ciências, Letras e Artes** é um dos grandes créditos da história de nossa cidade.

A “Revista” do Centro

A criação de uma revista que refletisse as atividades da instituição já era prevista na primeira circular convocatória para a fundação do **Centro**, expedida em 28 de setembro de 1901, quando, ao enumerar os “intuitos mais especiais” do grêmio a ser fundado, indicava, logo em seu quarto item, que “oportunamente” seriam fundadas uma revista, uma biblioteca e um museu de ciências naturais. Vale observar que essa primeira circular, embora subscrita também por César Bierrenbach, jornalista e professor de História, pensava exclusivamente em termos de ciências

naturais e de sua aplicação à agricultura: seus quatro últimos itens dizem explicitamente que, entre os intuitos do grêmio, deviam figurar “pugnar pelo ensino das ciências naturais nas escolas primárias do país”, “contribuir para o melhoramento das condições da agricultura e criação do país”, “vulgarizar o estudo das moléstias das plantas e animais e os meios de debelá-los” e “esforçar-se pela adoção e prática de leis florestais e protetoras da fauna e flora brasileiras”.

Pouco mais de uma quinzena após a reunião para a qual se fez a aludida circular convocatória, uma nova assembléia, julgando limitadas as finalidades da associação que pretendiam criar, decide ampliá-las, incluindo também em seus objetivos o cultivo das letras e das artes, propondo, então, Coelho Neto, como já foi dito, que a entidade se denominasse **Centro de Ciências, Letras e Artes**. Aprovada a proposta, seguiram-se os trâmites necessários à elaboração e aprovação dos estatutos e institucionalização da entidade, que, afinal, a 31 de outubro de 1901 teve eleita sua primeira diretoria, sob a presidência do Conselheiro Leôncio de Carvalho, secundado por José de Campos Novaes, Magalhães Gomes, César Bierrenbach, Ângelo Simões, Edmundo Krug e Coelho Neto. Empossada a diretoria, este último pediu a palavra para propor se inserisse em ata um voto de regozijo a Santos Dumont que, na capital francesa, realizava suas primeiras experiências aeronáuticas; do registro deveria ser enviada comunicação ao inventor, por intermédio do ministro brasileiro em Paris. Era a primeira manifestação de vida do **Centro**, segundo pertinentemente observou Carlos Francisco de Paula, em sua monografia histórica da instituição, publicada em 1953. Lembre-se, de passagem, que Santos Dumont, quando jovem, viveu em Campinas, tendo estudado no primitivo **Culto à Ciência**.

O “oportunamente” a que se referia a circular de fundação do **Centro**, com relação à revista, surgiu mais depressa do que se poderia esperar: um ano depois, em fins de 1902, vinha à luz o número inicial da publicação que se denominou simplesmente **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes**, dando-se, assim, cumprimento ao que dispunha o parágrafo oitavo do artigo segundo dos estatutos da entidade. A “Comissão de Redação” (Coelho Neto, Henrique de Barcelos e Leopoldo Amaral) fez publicar à guisa de apresentação, expressiva página refletora das preocupações que animavam os fundadores do **Centro** no seu primeiro ano de vida. Transcrevamos alguns de seus tópicos:

“Um vivo movimento intelectual agita todo o país fazendo sentir-se mesmo no estrangeiro apesar dos sobressaltos da política e das apertadas exigências da economia nacional: discutem-se problemas da mais alta transcendência, inauguram-se exposições, realizam-se tentativas nobres no romance e na poesia e, para exemplo da perseverança, da energia e da fé, enquanto um herói mancha de generoso sangue a terra de Paris, outro remonta-se aos ares e vai

triumfalmente elevando no seu vôo a Pátria que o aclama. (Alusão ao desastre que, na capital francesa, vitimou o aeronauta brasileiro Augusto Severo quando fazia experiências com o seu balão **Pax**, no dia 12 de maio de 1902 e aos triunfos de Santos Dumont levados a efeito na mesma ocasião).

Chegam-nos de todas as partes notícias de organizações de grupos científicos e artísticos — são pequenos grupos que se vão formando esporadicamente e que, com as comunicações que entre si estabelecem, pela correspondência e pela permuta das publicações que fazem, como que se vão agregando, atraídos simpaticamente pelo mesmo elevado intuito, dando assim a esperança de um futuro de vida espiritual não disseminada por indivíduos, e em pontos afastados, mas geral e intensa, em todo o país, concorrendo para o mesmo fim de pesquisa e cultivo já no campo da ciência pura, já no domínio ideal das letras e das artes.

O **Centro**, cujos trabalhos, posto que modestos, vão despertando curiosidade e interesse, senão em todo o país ao menos no Estado e principalmente na cidade onde tem sua sede, não podia conservar-se em silêncio, trabalhando misteriosamente como um cenáculo esotérico, e vem trazer ao público o espelho de sua vida e aos que o têm patrocinado tão eficazmente a prova de que se esforça para realizar, ainda que vagarosamente, os compromissos morais que assumiu”.

Surgia, assim, a revista “destinada a ser o repositório de todos os trabalhos lidos nas sessões cuja publicidade for julgada conveniente”. Deveria ser trimestral e, de fato, esta periodicidade foi regularmente mantida por muitos anos. Apenas o primeiro número foi publicado em 1902, pois o segundo já saiu em 1903. Constava esse número inicial de 148 páginas, no formato de 24x16cm, impresso na “Typographia a Vapor Livro Azul”, de Castro Mendes & Irmão. A primeira matéria a nele figurar foi justamente a mensagem a Santos Dumont, proposta e redigida por Coelho Neto, assinada pela diretoria e mais vinte e cinco sócios, um dos quais, Henrique Vogel, fez questão de declarar sua qualidade de “Lente do Ginásio”. Nisto estava dito tudo: nem era necessário dizer de que ginásio, tal a importância e o renome de nosso velho **Ginásio do Estado**.

Após essa página circunstancial, três matérias eram abordadas: a devastação das matas, o estabelecimento de postos zootécnicos e seu interesse para a pecuária paulista e vias de comunicação. O primeiro por Souza Brito e João Pedro Cardoso, o segundo por Fidélis dos Reis, enquanto que o terceiro, sobre o ponto de partida e direção das estradas de ferro no rumo das fronteiras do Oeste e do Sul, era da lavra de José de Campos Novaes, certamente a mais curiosa figura de intelectual na Campinas de então, dada a variedade das áreas que seu espírito abarcava: botânica, música, transportes e comunicações, crítica literária, história lingüística e geografia, entre outros, são temas que aparecem nos escritos com que, durante mais de vinte anos, enriqueceu a revista do **Centro**. Anote-se, de resvalo, que Campos Novaes é autor de um extenso livro sobre **As origens caldeanas do Judaísmo**, publicado em 1899, e que

constitui um dos mais eruditos estudos históricos e lingüísticos já produzidos em nosso país. Seus trabalhos sobre comunicações incluem-se entre as melhores páginas de nossa história ferroviária e mereceram a atenção, na época, dos responsáveis pela construção de estradas de ferro no Oeste de São Paulo. Orville Derby, que viera de São Paulo especialmente para a conferência de Campos Novas, na noite em que ele a proferiu no **Centro**, não podendo exprimir sua opinião, “por ser adiantada a hora em que terminou a leitura”, mandou-a depois por escrito, mostrando o quanto suas idéias (e Derby estudava o assunto desde 1879) eram coincidentes com as do cientista campineiro.

A partir de 1903 e até 1916 manteve o **Centro** a sua publicação em dia, quatro números por ano, datados sempre do fim dos trimestres: 31 de março, 30 de junho, 30 de setembro e 31 de dezembro. Apenas em 1907, provavelmente por dificuldades financeiras, só um número foi publicado, correspondendo aos quatro fascículos que normalmente deveriam sair. Três anos — 1917, 1918 e 1919 — ficou a revista sem circular, reaparecendo no segundo semestre de 1920. Mas apenas dois números foram publicados e novo interregno se abriu, desta vez de cinco anos, pois só em junho de 1926 reapareceria a revista. Em 1926 e 1927 foram publicados quatro fascículos correspondendo a oito números. De então para cá, acentuou-se a irregularidade. Depois do último número de 1927, só em 1936 reapareceria, com um número especial comemorativo do centenário do nascimento de Carlos Gomes. Dois anos depois, outro número especial, desta vez a propósito do centenário de Bento Quirino, para novamente sobrevir um longo período de quinze anos em que não houve condições para a publicação da revista. E com os oito números que circularam entre 1953 e 1959 (nos 58 a 65) encerrou-se a primeira fase de uma das mais prestigiosas revistas culturais do país, provavelmente a única a ser publicada, tão longo tempo e com tal repercussão, em uma cidade do interior. Em outubro de 1976, comemorando o 75º aniversário do **Centro**, publicou-se um número especial, quase que inteiramente sobre a própria entidade, mas que não trouxe nenhuma indicação de número.

Realmente, a repercussão da revista foi enorme, especialmente no sentido de conseguir o relacionamento do **Centro** com outras associações culturais do país e do exterior e de atrair o interesse de grandes nomes das letras nacionais que a ela emprestaram suas valiosas colaborações.

Mostravam-se, pois, animados os diretores da entidade, quando, em março de 1903, lançaram o segundo número. O desvanecimento com que assinalavam o êxito da publicação era “explicável e perdoável”, segundo fazia questão de afirmar Henrique de Barcelos em artigo com que abriu o número, lembrando que a revista, “surgida como

repositório dos trabalhos desta agremiação de intelectuais, espelho refletor de sua agitação benéfica, registro das referências que suscitou de agremiações congêneres”, conseguira realizar o “intuito primordial que presidiu à sua gênese, relacionando a associação campineira com outras do país e do estrangeiro”. E acrescentava: “Esse pequeno livro, nas malas postais ou no bojo dos transatlânticos, percorrendo o Brasil ou através do oceano indo ter a estranhos países, por certo gerou a surpresa a quantos o leram, revelando-lhes a existência de um centro de tão elevados intuítos científicos em uma cidade secundária de um estado brasileiro”. E lembrava que o arquivo do **Centro** poderia comprovar pelas inúmeras comunicações que se apressaram em fazer-lhe associações nacionais, americanas e européias. Adiante, escrevia Henrique de Barcelos em sua nota de abertura do segundo número: “Consistia o destino da **Revista** em acordar a opinião brasileira a respeito da atividade intelectual em Campinas. Acordar, dizemos, pois que felizmente releva notar que o menos sabido no Brasil é aquilo que mais intimamente nos interessa. Não a atividade que se dispersa em inutilidades, que se desperdiça em maravilhas literárias e em frouxos vislumbres de ciência barata. Mas o esforço consciente que nasce do estudo contínuo e sério convergindo à resolução dos problemas que tão profundamente comovem a sociedade hodierna. E, ainda mais, a **Revista** foi submeter-se ao temível olhar investigador de sábios estrangeiros, desses entes que pairam nas regiões desconhecedoras do encômio e que concretizam na vida o ideal da absoluta justiça”. E registrava o grande jornalista, com pesar, que na imprensa estrangeira a revista alcançara maior receptividade do que na do próprio país! E prosseguia Barcelos lembrando o papel que deveria caber ao **Centro** e, conseqüentemente à sua revista, num momento de tanto desenvolvimento das ciências e da cultura em geral, de tantas transformações como que a prenunciarem um novo período na história da Humanidade.

Abria-se o segundo número com um estudo sobre o clima do planalto de Campinas, pelo Professor Draenert, de Uberaba, para, logo adiante, iniciar a publicação, que se estenderia por quatro números, das reminiscências de Francisco de Assis Vieira Bueno sobre a cidade de São Paulo, “recordações evocadas de memória”, como dizia seu autor.¹ Ainda do mesmo Vieira Bueno estampava o segundo número um soneto dedicado ao **Centro**:

“De Ciências, de Letras e de Artes,
Este **Centro** Campinas enaltece,
Pois esplêndida prova oferece
De real primazia em nobres partes.

(1) As reminiscências de Vieira Bueno foram publicadas em volume pela Academia Paulista de Letras, em 1976 — *A Cidade de São Paulo* — integrando a coleção “Biblioteca Academia Paulista de Letras”, vol. 2, com “explicação” de Sérgio Buarque de Holanda.

Em seus resplandecentes estandartes
 É o braço mais belo que ela tece,
 O que mais qualquer povo fortalece,
 São do ideal, estes baluartes

Assim seus devotados promotores
 Jamais se cansem, quais progenitores,
 No zelo paternal de sua glória !

Os anais da Princesa do Oeste,
 Que de tanto esplendor a fama veste,
 Guardarão de seus nomes a memória !”

O terceiro número, que continua alguns dos artigos anteriores, apresenta-nos, como digno de menção, o discurso que o dr. Souza Brito proferiu na sessão aniversária do **Centro**, no qual fez o “elogio histórico” de Leopoldo Miguez, havia pouco falecido. Não se trata de discurso meramente circunstancial, mas de verdadeiro estudo da obra do grande compositor. Esse terceiro número apresenta uma originalidade: pela primeira vez (e das poucas ao longo de sua existência) a Revista lançou mão de publicidade, em vinte páginas avermelhadas, nas quais vinte e cinco “comerciais” eram estampados, bem no estilo de propaganda da época, numa extrema diversificação. Anúncios dos drs. Ângelo Simões, Aires do Amaral, Bueno de Miranda e Júlio Arruda (médicos) ao lado de duas tradicionais farmácias e mais um atelier artístico, um empório, uma serraria, uma companhia de seguros, uma agência lotérica, um importador de armas, uma alfaiataria, uma fábrica de artigos ortopédicos, dois laboratórios e duas ou três grandes firmas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Num total de vinte e cinco, treze dos anúncios são de firmas de São Paulo e Rio ! Isto é muito significativo como medida da penetração da revista: firmas comerciais (e apenas uma ligada à cultura) interessarem-se em anunciar numa revista exclusivamente cultural do interior do Brasil. Em mais um número, o quarto, os anúncios reaparecem, porém com menos páginas (apenas oito) e quase só com firmas de Campinas, entre as quais a Casa Genoud, espécie de grande bazar que vendia desde livros até homeopantias e sementes de flores e hortaliças; dotada, ainda, mais tarde, de tipografia, na qual, aliás, a revista passou a ser impressa. Localizava-se a Casa Genoud, de tanta importância na vida da cidade, e cuja história ainda está por escrever-se, segundo observava há pouco Aristides Monteiro, à rua Barão de Jaguará “esquina do Góis”, isto é da rua do Góis, mais tarde denominada Cesar Bierrenbach.

Embora a revista devesse refletir a multiplicidade de interesses do **Centro** — Ciências, Letras e Artes, nas quais, afinal, cabe todo o conhecimento humano — seus primeiros números eram mais consagrados às ciências naturais, com trabalhos que honrariam qualquer instituição científica do mundo e traduzindo aquela seriedade de propósitos a que se referiu. Mas, a partir do terceiro número, começam a surgir contribuições

no campo das letras, da história, da música, da pedagogia e da psicologia, da filologia e da lingüística, do folclore, enfim verdadeiro espelho do amplo e variadíssimo leque de interesses registrado em uma dúzia de “Comissões”, responsáveis pelo funcionamento do **Centro**.

Um respigo ao longo de todos os números da revista seria do mais alto interesse para a história da cultura em nosso país, ainda mais se considerarmos que era uma das poucas publicações culturais existentes fora do Rio de Janeiro. Dizemos fora do Rio de Janeiro, porque, como todos sabem, até há pouco tempo, a antiga capital federal, em matéria de revistas, absorvia praticamente toda a atividade nacional, pouco deixando para as capitais estaduais. São Paulo, por exemplo, à época do aparecimento de nossa revista, possuía apenas a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico”, a “Revista da Faculdade de Direito” e a “Revista do Museu Paulista”, todas muito especializadas, e que constituem as mais antigas publicações culturais ainda em circulação, na capital paulista. Todas as demais vieram bem mais tarde.

Eis uma das explicações para o interesse que a revista do **Centro** vai despertar nos meios cultos do Estado e do País, a ponto de registrar, em todos os números mais antigos (pelo menos até 1926) colaboração de escritores de fora de Campinas, a começar por integrantes da Academia Brasileira: Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Rui Barbosa, ou mesmo fora do “Petit Trianon”, como muitos dentre os mencionados na relação dos sócios correspondentes. Aliás, todo um número da revista, o 25, de 1910, afora o discurso tradicional do orador oficial na sessão aniversária, foi preenchido com colaborações de fora: José Veríssimo, Artur Orlando e Alberto de Oliveira (todos os três da Academia Brasileira) e mais o jornalista Dunshee de Abranches, o historiador de Iguape Ernesto Guilherme Young, o naturalista Ricardo Krone, de São Paulo e, para terminar, Felisbelo Freire, um dos maiores nomes da historiografia sergipana. Esse número, cuja apresentação difere bastante do modelo até então seguido, insere o precioso ensaio de José Veríssimo **Estímulos literários no Brasil colonial**, sem favor, uma das melhores páginas deixadas pelo grande crítico. Outro exemplo significativo: em 1915, Afonso de Escagnolle Taunay, que já iniciava sua grande obra historiográfica, embora ainda fosse professor da Escola Politécnica de São Paulo, ofereceu à publicação na revista do **Centro** alguns capítulos inéditos de dois romances que seu pai, o Visconde de Taunay, deixara inacabados, escrevendo, em nota introdutória, que o fazia porque a revista constituía, a seu ver, “um dos mais preciosos arautos do brasileiroismo” em nosso país. O mesmo Afonso de Taunay compareceria mais três ou quatro vezes como colaborador, sendo a última em 1936, quando da publicação de um número especial consagrado ao centenário de Carlos Gomes, no qual divulgou peças da correspondência entre seu pai e o compositor campineiro.

Numa homenagem aos que tanto contribuíram para o alto renome da revista, eis os seus colaboradores mais frequentes, pelas áreas de seu interesse:

Botânica: Alberto Loefgren, José de Campos Novaes, Gustavo Edwall, Adolfo Hempel, Gregório Bondar (este, russo de origem e que poucos anos depois se transferiria para a Bahia, tornando-se a maior autoridade brasileira em cacau).

Medicina: Ângelo Simões, Souza Brito e Ponciano Cabral.

Entomologia: Edmundo Krug.

Astronomia: Souza Brito.

Química: Adolfo Hempel.

Etnografia: Ricardo Krone.

Lingüística e Filologia: Campos Novaes, Teodoro Sampaio, Otoniel Mota, João Ribeiro e Teodoro Jahn.

Folclore: Alberto Faria, Carneiro Monteiro, João Ribeiro e Alceu Maynard Araújo (este, bem mais tarde).

Pedagogia e Psicologia: Teodoro Jahn, Erasmo Braga, e mais tarde Norberto de Souza Pinto e Padre Antônio Thill.

Crítica literária: Alberto Faria, Leopoldo Freitas, Mário de Alencar, Mário Barreto, Américo de Moura, Álvaro Miller, Antônio de Moraes e, nos últimos números, Amaral Santos e Bráulio Sanchez-Saez.

Política: Gonçalves de Oliveira.

Geografia: Campos novaes e Gustavo Enge (este, verdadeiro pioneiro da moderna geografia no Brasil, pois muito antes de Delgado de Carvalho (considerado o pioneiro), demonstrava em seus escritos um perfeito "em dia" com a matéria, inclusive correspondendo-se com geógrafos europeus, merecendo, pois, um estudo mais circunstanciado, que aliás, já tem sido sugerido a geógrafos da Universidade de São Paulo).

Música: Souza Brito, Emílio Steudel, Campos Novaes, Benedito Otávio e, mais recentemente, Milton Duarte Segurado.

História: Antônio de Toledo Pisa, Custódio Manuel Alves, Benedito Otávio, Rafael Duarte, Basílio de Magalhães, Afonso de Taunay, Alberto Faria e, nos últimos números, J. R. do Amaral Lapa.

Transportes e comunicações: Campos Novaes, Carlos W. Stevenson, Vicente Melilo, Félix Cunha e Góis Saião Filho.

Temas sociais e filosóficos: Artur Orlando e, mais recentemente, Stênio Pupo Nogueira.

Poesias: Adelino Fontoura, Alberto de Oliveira, Sérvulo de Assis, João Egídio de Souza Aranha, Basílio de Magalhães, Magalhães de Azeredo e, nos últimos números, Mílton Duarte Segurado.

Cada um dos itens mencionados daria verdadeira monografia a quem se dispusesse ao exame particularizado da revista, analisando e criticando suas contribuições nos diversos tópicos citados. Eis um trabalho que será do mais alto interesse para a história da cultura em Campinas.

Cumprе salientar o interesse particular de alguns números especiais, ou que, mesmo sem esse caráter, ofereceram aos estudiosos trabalhos de envergadura e de alto significado por sua raridade. Como exemplo, o nº 16, de 1907, totalmente preenchido com um relato sobre as guerras holandesas no Brasil, de Isaak Commelyn, divulgado em primeira mão no país graças a Campos Novaes, que o prefaciou e anotou; o nº 11, de 1906, que publica na íntegra o libreto da ópera **Alda**, de Sant'Ana Gomes, cuja partitura original encontra-se no arquivo de Carlos Gomes, dependência do **Centro**; ou, ainda, o nº 58, de 1953, totalmente ocupado com a monografia histórica da instituição, de autoria do Professor Carlos Francisco de Paula. Como números especiais, o dedicado a Carlos Gomes, por ocasião de seu centenário, em 1936; fazia, na ocasião, dez anos que não se publicava um número sequer da revista; entendeu a diretoria do **Centro** que a efeméride relativa ao compositor de **O Guarani** seria uma oportunidade feliz para restaurar a velha publicação, ainda mais que o **Centro**, como depositário de precioso arquivo referente a Carlos Gomes, não poderia omitir-se nas grandes comemorações planejadas e apenas parcialmente levadas a cabo. O número, em formato maior que os comuns, continha 126 páginas e nele colaboraram figuras expressivas de Campinas e de fora, além de transcrever numerosos documentos para a biografia do maestro e, ainda, vinha profusamente ilustrado. Outro número especial, dois anos depois, era dedicado ao grande benemérito de Campinas, Bento Quirino, ao ensejo do transcurso de seu centenário. Não trazia, por lapso de impressão, nenhuma indicação de número, mas correspondia ao 57. Os dois últimos (dos analisados), o 64 e o 65, relativos a 1957 e 1959, também foram comemorativos. O primeiro, dedicado a César Bierrenbach e o segundo a Rafael Duarte, cujo falecimento recente privara Campinas de uma de suas grandes figuras. Sessenta páginas desse volume de oitenta constituem a preciosa evocação de seu neto, Mílton Duarte Segurado, com o título **Rafael Duarte íntimo**.

Além de uma variada colaboração quase sempre de excelente nível, numerosas páginas de circunstância enriquecem os 65 números da revista: discursos em sessões comemorativas, principalmente nas de aniversário do **Centro**, muitos dos quais contêm pequenos perfis biográficos de sócios falecidos; páginas evocativas de pessoas ou feitos ilustres de nossa história; e finalmente as atas das sessões, publicadas

regularmente até 1920, muitas das quais encerrando notícias e até mesmo resumos de conferências proferidas, mas não publicadas na revista. Lembramos de início, estranhando-a, a pequena participação de sacerdotes católicos nas atividades do **Centro**. Examinando a revista, tal fato se patenteou mais ainda. A Igreja Católica está praticamente ausente da **Revista**: precisamos esperar até o nº 59, de 1954 — ou seja, mais de meio século depois de iniciada a publicação — para encontrar a colaboração de um sacerdote, na pessoa do padre Antônio Thill. No entanto, desde os seus primeiros números encontramos os nomes e a colaboração de diversos pastores protestantes, ligados ou não ao Seminário Presbiteriano: Bento Ferraz, Ernesto Luiz de Oliveira, Erasmo Braga, Otoniel Mota e, mais recentemente, Néelson Omega. Não avançamos juízos nem hipóteses, deixando a explicação para outros que melhor conheçam a história da Instituição.

Temas históricos na “Revista do Centro”

Na impossibilidade de um respigo por todas as áreas abrangidas pela publicação campineira, julgamos oportuno, pelo menos, e dado nosso campo de interesse, um levantamento do que se publicou nos seus 65 números de interesse para os estudos históricos. Para facilidade, serão os temas agrupados nos seguintes itens: a. História local; b. História de São Paulo; c. História do Brasil; d. Temas diversos; e. Notas ocasionais. Entre parênteses, os números em que aparecem os escritos respectivos.

a) História local

Dada a circunstância de ser a revista publicada numa cidade de interior — e cidade que sempre contou com dedicados estudiosos de seu passado — é natural que os temas de interesse para a história local apareçam com maior frequência; entre eles:

as crônicas de Benedito Otávio, jornalista e historiador e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras; versam quase todas sobre assuntos relativos aos primeiros tempos de Campinas ou notas biográficas de figuras expressivas da história da cidade (10, 14, 17, 19 e 30);

a monografia de Ricardo Gumbleton Daunt, **Reminiscências do Distrito de Campinas e sua evolução em bairro, freguesia e vila** (7);

uma nota sobre o passado de Campinas, de Custódio Manuel Alves (7);

estudos sobre o primeiro capitão-mor de Campinas, de Henrique Barcelos e Antônio de Toledo Pisa (3, 5 e 6);

estudos sobre Barreto Leme, o fundador de Campinas, por Rafael Duarte (8);

o histórico da Imprensa em Campinas, de Alberto Faria (44);

o histórico do **Colégio Internacional**, o mais antigo estabelecimento de ensino fundado na América do Sul pelas missões protestantes norte-americanas, de autoria de Erasmo Braga, na época professor do Ginásio do Estado e do Seminário Presbiteriano de Campinas (44);

o capítulo de Saint-Hilaire sobre Campinas, onde esteve em 1819, extraído de sua **Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et Sainte-Catherine** (43); convém notar que este foi o primeiro excerto, traduzido em português, do relato da viagem a São Paulo, do grande botânico francês;

a monografia histórica do **Centro**, de Carlos Francisco de Paula, que ocupa todo o nº 58;

os já mencionados números especiais sobre Carlos Gomes (56), Bento Quirino (57), César Bierrenbach (64) e Rafael Duarte (65), todos eles com evocações ou documentos da época em que viveram os homenageados;

as reminiscências de Leopoldo Amaral (33); este autor, jornalista dos mais antigos de Campinas e durante quase a vida toda correspondente na cidade de "O Estado de S. Paulo", publicou mais tarde, no grande matutino paulistano, numerosas crônicas de interesse histórico, reunidas em volume com o título **Recordações**, em 1927;

Ação de Campinas no desenvolvimento paulista, artigo de Gentil de Assis Moura (32), grande historiador paulistano e estudioso da história da expansão colonial paulista, um dos primeiros (juntamente com Orville Derby e Teodoro Sampaio) a tentar um trabalho de reconstituição da paisagem antiga dos campos de Piratininga e dos roteiros das bandeiras paulistas.

b) História de São Paulo

Certamente o trabalho mais importante nesta categoria é o de Francisco de Assis Vieira Bueno sobre a cidade de São Paulo (2, 3, 4 e 9), título imprescindível da bibliografia paulistana; consta de duas partes, "Recordações evocadas de memória" e "Notícias históricas"; de seu interesse, diz melhor que tudo o fato de ter sido esse trabalho reeditado em livro, em 1976, pela Academia Paulista de Letras, com excelente prefácio de Sérgio Buarque de Holanda; outros trabalhos de interesse para a história paulista:

estudos sobre viação férrea, especialmente as ligações com o Oeste do Estado e do Planalto com o litoral (1 e 50), de José de Campos Novaes, e que constituem valiosos subsídios para a história ferroviária de São Paulo;

estudo sobre os primeiros europeus no litoral paulista, de Ernesto Young (25);

São Paulo e a política internacional no século XVIII do historiador sergipano Felisberto Freire (78/83);

um excelente estudo, escrito em alemão, mas com resumo em francês, sobre as condições econômicas de São Paulo no século XIX; vem assinado simplesmente por **Ignotus** (13);

alguns capítulos de uma geografia botânica do Estado de São Paulo, com tentativas de reconstituição da paisagem antiga, de Alberto Loefgren (29); trata-se de um dos primeiros ensaios de geografia retrospectiva realizados em nosso país;

capítulos sobre São Paulo no século XVII e sobre Pedro Taques, de Afonso de Taunay (42 e 47, respectivamente), posteriormente utilizados pelo grande historiador para os seus livros **Sob El-Rei Nosso Senhor e Pedro Taques e seu tempo**, publicados em 1922.

c) História do Brasil

Nesta categoria, o já mencionado relato de Isaak Commelyn sobre as guerras holandesas no Brasil e que ocupa todo o nº 16; trata-se de excertos de obra mais vasta publicada em Amsterdam, em 1656, sobre a vida de Frederico Henrique de Nassau, irmão de Maurício de Nassau, o governador do Brasil holandês; constitui a única publicação em nossa língua dessa obra praticamente desconhecida, pois segundo o tradutor, José de Campos Novaes, nenhum historiador brasileiro especialista em assuntos holandeses lhe fazia qualquer referência; hoje, que se conhecem novas e mais valiosas fontes para o estudo do período holandês, o relato de Commelyn (bastante criticado por Alfredo de Carvalho em sua **Biblioteca Exótico-Brasileira**) deixou de ser considerada peça fundamental na bibliografia relativa ao período, mas era praticamente desconhecida na época em que a revista do **Centro** a divulgou. Note-se, de passagem, que a crítica de Alfredo de Carvalho não se refere propriamente ao conteúdo do relato, mas ao fato de não haver Commelyn utilizado apenas fontes primárias; e quando nada, ainda que outros méritos não houvesse, sua publicação serviu para vincular a revista à bibliografia referente aos relatos estrangeiros sobre o Brasil, notando-se que, mais de setenta anos depois, continua sendo a única edição em português do raríssimo texto;

artigos sobre indígenas do Brasil, de Vicente Melilo (20) e Basílio de Magalhães (27);

artigo sobre a influência do tupi na língua portuguesa falada no Brasil, de Teodoro Sampaio (6);

estudo sobre as **Cartas Chilenas**, de Alberto Faria (31, 32 e 33), de grande interesse não apenas literário, mas histórico, por se referir à Inconfidência Mineira; aliás, é sabido que Alberto Faria, que mais tarde veio a pertencer à Academia Brasileira de Letras, foi dos primeiros, senão o primeiro a tratar do intrincado problema da autoria das **Cartas Chilenas**;

A política de paz na América do Sul, artigo de José Gonçalves de Oliveira (5 e 8);

artigo sobre as relações do Conde de Gobineau com o Brasil, de Álvaro Miller (7);

carta de Léon Donat sobre a proclamação da República (8);

artigo de Souza Brito sobre a abertura dos portos, escrito na ocasião em que se comemorava o centenário do grande evento (18);

trechos do diário de André Rebouças (19, 30, 31 e 33); cremos ter sido a revista do **Centro** a primeira a divulgar excertos deste valioso diário, só há pouco publicado integralmente pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo;

Estímulos literários no Brasil colonial, artigo de José Veríssimo (25);

estudo de Dunshee de Abranches sobre a liberdade de imprensa no Primeiro Reinado (25);

nota sobre alguns pintores etnógrafos na América do Sul (29);

artigos sobre o Regente Feijó, de Tito de Lemos (31) e Erasmo Braga (33 e 34);

estudo sobre a família Corrêa de Lemos no Brasil no século XVIII, de Basílio de Magalhães (34);

artigo sobre o 13 de maio, de Egídio Martins (50);

Esta categoria será naturalmente complementada com notas biográficas e elogios acadêmicos, ou ainda por notas ocasionais diversas, a que adiante se faz referência.

d) Temas diversos, que oferecem interesse à História

Aqui a respiga iria longe, dada a variedade de temas; julgamos de maior destaque:

os estudos do Professor Gustavo Enge sobre o ensino da Geografia, já mencionados (7, 9 e 13);

vocabulário dos índios coroados, de Campos Novaes (5);

estudos diversos de crítica literária, de Alberto Faria (21 e 34);

estudo de Benedito Calixto sobre o quadro da Independência, de Pedro Américo (32);

comentários a **Os Sertões**, por Campos Novaes (2) e ao livro de D. Luiz de Orléans e Bragança, por Leopoldo de Freitas (35 e 36);

estudos críticos de Mário de Alencar sobre Machado de Assis

(38), José de Alencar (39), Capistrano de Abreu, Lúcio de Mendonça, Magalhães de Azeredo (41) e Graça Aranha (42);

anotações a Frei Luís de Sousa, por Mário Barreto (38 e 39);
relato de viagem a Mato Grosso, por Juvenal Otaviano Miller

(48);

documentos do arquivo de Carlos Gomes (7, 8, 54, 55 e 56);
correspondência do Visconde de Taunay com Carlos Gomes

(56);

estudo de uma lírica de Gonzaga, por Álvaro Miller (52 e 53);

Evolução do Direito Brasileiro, artigo de Orlando Fonseca

(48).

e) Notas ocasionais, também de interesse para o estudioso da História

Igualmente de respiga demorada, abrangendo não propriamente conferências, mas pequenos comunicados (às vezes com o caráter de nota-prévia), onde se encontra imensa variedade de temas; merecem destaque, na impossibilidade de a todos arrolar, as notas biográficas sobre Leopoldo Miguez (3), Hércules Florence (7), Sérvulo de Assis, João Egídio de Souza Aranha e Vieira Bueno (8), Bartolomeu Mitre, Nina Rodrigues, Antônio de Toledo Pisa, César Zama e Alfredo Novaes (12), Ângelo Simões (17), Barbosa Rodrigues, Euclides da Cunha e Hipólito Silva (23), Carlos Ferreira (30), Campos Sales (32), Senador José Bonifácio (37), Luís Pereira Barreto (40), Vitoriano dos Anjos, famoso entalhador, autor das obras de arte da Catedral de Campinas, Barão de Paranapiacaba, Silveira Lopes, Pedro Sanches e Padre Chico (41), Álvares Machado e Coronel Joaquim Quirino dos Santos (44), Francisco Glicério (45), Olavo Bilac, Inácio Betoldi, Teodoro Langaard e Ricardo Gumbleton Daunt (47), Carolina Michaelis, Lauro Müller, Albuquerque Lins, Múcio Teixeira, Mário de Alencar, Elísio de Carvalho, Herculano de Freitas e Estêvão de Almeida (50 a 53), Raul Pompeia (37), Sílvio Romero (52) e Júlio Mesquita (54).

Inclui-se nesta categoria o discurso proferido por Rui Barbosa na homenagem que lhe foi prestada pelo **Centro** em 1914 e no qual se contém a bela página (verdadeiramente antológica) sobre as andorinhas de Campinas.

Acreditamos ter, nestas páginas, dado uma idéia do que significa para a cultura brasileira a preciosa publicação que o **Centro de Ciências, Letras e Artes**, no começo do século, entendeu de criar, como órgão reverberante de suas atividades. Não são muitas as coleções completas da revista hoje existentes. Por felicidade, o **Centro** soube preservar a sua. Sob certos aspectos, ela poderia ser considerada uma publicação superada, em face das modernas exigências do mundo editorial,

que exige sejam as publicações culturais especializadas, senão por matérias, pelo menos por áreas. O leitor de hoje certamente estranhará uma revista em que, ao lado de um estudo sobre o gerúndio apareça outro sobre as epidemias do café, ou ao lado de um relato sobre as guerras holandesas apareça outro sobre o clima de Campinas. Mas não nos esqueçamos de que a revista atendeu à necessidade de uma época em que não havia ainda condições para a cultura especializada e, conseqüentemente, os temas especializados não constituiriam ainda, sobretudo numa cidade de interior, matéria suficiente para alimentar uma revista. Sua variedade, embora criticável hoje, foi a única segurança de sua subsistência e permanência por tantos anos.

A **Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes** marcou época e refletiu um tipo de preocupações intelectuais que talvez não alcançassem em nossa época a mesma receptividade, mas que foi característica de nossa vida e de nossa cultura num certo momento. Ela desapareceu praticamente quando se modificaram as condições culturais de nossa terra, com a preocupação de temas especializados. A revista, não podendo mais ser mista, simplesmente desapareceu. Mas merece ela estudo mais aprofundado que este. O Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo tem promovido o estudo de numerosas revistas culturais do país, revistas que desapareceram após curta carreira, mas marcaram época, especialmente as ligadas à história do modernismo. Alguns desses trabalhos têm servido como teses de mestrado ou doutoramento. Por que não fazer o mesmo com a revista campineira, já que, pela sua própria natureza e diversidade ela se prestaria melhor que qualquer outra ao estudo proposto? Aqui fica a sugestão.

6. FONTES CAMPINEIRAS PARA O PAN-AMERICANISMO*

I – Introdução

Chamou-nos sempre a atenção as repercussões na política externa brasileira do pan-americanismo a precariedade revisionista, por parte de nossa historiografia, na abordagem desse tema, não só rico em

(*) Comunicação apresentada por Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci à **VI Semana da História**, Franca, novembro de 1984, e que deverá ser publicada na respectiva **Memória**. A inclusão neste volume, como capítulo final, é feita com a devida vênua do Instituto de História, Direito e Serviço Social de Franca (da Unesp), promotora da importante reunião.